

UM *Maya*

O homem ao meu lado no bar está a sorrir para mim de forma íntima, como se soubesse todos os meus segredos e, mesmo assim, gostasse de mim. É um pouco desconcertante, sobretudo porque tenho a certeza de que nunca o vi na vida, e sou boa a memorizar caras. Ainda assim, tenho de admitir que *é* o tipo de sorriso que conquistaria logo qualquer pessoa capaz de confiar num homem com um sorriso carismático.

É pena que eu não seja uma dessas pessoas.

Mas, por acaso, quero algo dele, por isso imito descaradamente o seu sorriso doce e espero.

— Estou a tentar perceber uma coisa — diz ele para quebrar o gelo, após alguns segundos, levantando a voz por cima da música. É um *remix* de uma música *pop*, cheio de graves, que toca a uns bons decibéis acima do aceitável.

— O quê? — Olho para o *barman* enquanto falo, mas ele está a atender outra pessoa. Parece que ainda vai demorar.

Ótimo.

— Quem é que decidiu que os *cocktails* mais saborosos do menu eram bebidas de mulher? O que faz uma bebida ser de mulher ou de homem? É *só uma bebida*.

Quando os filmes e as séries me avisaram sobre os rapazes que metiam conversa nos bares, não era bem isto que eu esperava. Talvez porque esses bares costumam ser em clubes exclusivos ou restaurantes obscenamente caros. Se calhar, quando se está num bar dentro de uma pista de

bowling cheia de bolas néon, mesas decoradas com recortes de jornal sobre cães e a bebida da casa servida numa tigela de sopa, já é de esperar que as coisas fujam do habitual. Incluindo as frases de engate.

— Sexismo, suponho? — digo com um encolher de ombros.

— Sim, isso é óbvio. Mas sabes que não foi uma mulher a fazer essa regra, por isso, porque é que os homens se lixaram assim? Os homens podem beber café sem olhares estranhos, mas aposto o que quiseses que, se eu levasse um expresso *martini* para a minha mesa, os meus amigos não iam parar de gozar comigo. *Não iam parar* — repete com ênfase, batendo com o punho no balcão. O *barman* lança-lhe um olhar irritado e ele retira a mão bruscamente.

Um grupo de homens a serem idiotas uns com os outros por coisas estúpidas não é surpresa. Mas estou *um pouco* perdida quanto ao motivo de ele estar a partilhar este facto comigo, do nada.

— E que é que isso importa? A tua masculinidade é assim tão frágil?

Lá está aquele sorriso deslumbrante outra vez.

— Sei que isto vai soar mal, mas sim. Infelizmente, é. E estou a trabalhar nisso, mas hoje não é o dia.

E por fim, faz-se luz.

— Olha, na verdade, estou aqui com uma mesa cheia de mulheres que ficariam encantadas por te receber para beber um expresso *martini* em paz. Sem julgamentos.

— Ora, *isso sim* — diz —, é uma proposta interessante.

Di-lo como se eu tivesse acabado de ter uma ideia genial, como se ele não tivesse, *definitivamente e sem sombra de dúvida*, trazido o assunto à baila só para ter uma desculpa para me pagar uma bebida. Parece uma trabalhadeira desnecessária, porque eu teria dito que sim se ele se tivesse limitado a, sei lá, perguntar-me se queria uma bebida, mas cá estamos nós com conversa fiada.

— Muito bem, que tal isto? — continua. — Eu peço um expresso *martini* e a bebida que quiseses, como forma de agradecimento pela tua amável oferta, e depois apresentas-me à tua mesa de amigas, onde não há julgamentos.

Finjo pensar no assunto enquanto o *barman* termina de atender outro cliente. Depois, aceno com a cabeça.

— Claro, por mim tudo bem. É um expresso *martini* e um *pink passion crush*. Obrigada.

Pouco depois, com as duas bebidas na mão, o homem (que se apresenta como Andre) segue-me até à minha mesa.

— Podes levar a tua, se quiseres — oferece.

— Não é para mim — digo.

Ele abranda o passo enquanto contorna mesas cheias de jogadores de *bowling* a beber líquido cor-de-rosa de tigelas de sopa.

— Então, a quem é que acabei de pagar uma bebida?

— *Tu* — explico — acabaste de pagar uma bebida à minha irmã pelo seu vigésimo aniversário. Muito cavalheiresco da tua parte. Estamos naquela mesa ali.

Chegamos à mesa da minha irmã, a Rosie — ou melhor, às duas mesas que juntámos para acomodar as nove de nós —, que me lança um olhar de aprovação, impressionada. *Fácil*, formo as palavras sem som.

Foi ela que viu o Andre sentado com os amigos, a algumas pistas de nós, quando estávamos a jogar *bowling*. Foi bastante dramática, declarando a todos os que estavam por perto que cometeria um crime federal para conseguir o número dele. Quando acabámos o jogo, viemos para a área de refeições, que era a *grande* atração da pista para a Rosie — *mocktails* instagramáveis e paredes cobertas de flores montadas especificamente para tirar fotos — e ele e os amigos dele fizeram o mesmo, mas sentaram-se no outro lado da área.

Portanto, quando vimos o Andre ir sozinho até ao bar, decidiu-se que alguém precisava de fazer de casamenteira e, claro, tinha de ser eu a voluntária. Tenho a certeza de que, em alguns estados, recusar um favor à tua irmã no dia de anos dela é capaz de ser ilegal. Ou talvez isso seja coisa da Máfia. De qualquer forma, pensei que, desde que ele fosse solteiro e gostasse de mulheres, conseguiria convencê-lo a desejar um feliz aniversário à minha linda e solteira irmã. Missão cumprida. Mais ou menos.

— Rosie — sento-me no lugar ao lado dela —, este é o Andre. Ele pagou-te uma bebida para celebrar o teu aniversário.

— Que *simpático*, obrigada — diz a Rosie, enquanto as outras raparigas à mesa lançam sorrisos inocentes e agradáveis ao Andre, como se não tivéssemos planeado isto tudo.

A minha melhor amiga, a Olivia, faz-lhe sinal para que se sente.

— Bem, ela não pode beber sozinha no seu aniversário, pois não?

O Andre olha para mim e para a minha irmã, antes de ir buscar uma cadeira a uma mesa vazia e a colocar ao lado da Rosie. Se está surpreendido por se sentar ao lado dela e não ao meu, não parece nada aborrecido com isso. Nem deve estar. Na minha opinião, acabou de ganhar a lotaria com a Rosie.

— Como é que *fazes* isso? — pergunta a Olivia em voz baixa. — Eu nunca conseguiria.

Dou de ombros.

— Não sei. Não pode ser pela minha beleza deslumbrante porque tu tens disso de sobra.

— *Verdade*.

Volto para o meu *mocktail* de manga e lichia — que, felizmente, vem num copo alto e não numa tigela.

— Limito-me a falar com eles. São apenas homens, não são intimidantes.

— Só as mulheres é que te intimidam? — devolve a Olivia, com um sorriso sarcástico.

— Está bem, estás a brincar, mas a sério. Eu nunca seria capaz de me apresentar a uma mulher bonita. Preferia morrer primeiro.

— Vês, é exatamente assim que me sinto com os homens.

O sorriso dela desvanece-se no final da frase e as sobrancelhas franzem-se, enquanto olha para algo acima da minha cabeça. Sigo o seu olhar até à televisão montada na parede atrás de mim, sobre um arco de flores de papel crepe pastel.

A manchete ao longo da parte inferior do ecrã diz: *Irmão da Princesa Samantha de Chalonne, Jordy Miller, Lê para Órfãos; Oferece Doces e Esperança*. No ecrã aparece o próprio Jordy Miller, em frente a um orfanato em Chalonne, a receber um enorme cartão de agradecimento de um dos órfãos, com a mão colada ao peito, como se o coração lhe estivesse prestes a explodir.

Aquele filho da puta.

O resto do pessoal olha também, incluindo a Rosie e o Andre. Ele é o primeiro a reagir ao nosso olhar, enquanto mexe o seu *martini* com um sorriso.

— Sabem, eu era amigo dele quando ele vivia aqui — diz, o tom mais do que um pouco exibicionista. — Era um dos melhores amigos dele.

— A sério? — pergunto, confusa. — Já nos vimos alguma vez?

Como disse, tenho *a certeza* de que nunca vi a cara dele, por isso fico genuinamente surpreendida ao ouvir isto.

Agora é a sua vez de parecer confuso.

— Porque perguntas?

— Hum — a Rosie ri-se —, porque a Maya namorou com ele durante, tipo, um ano?

O Andre examina o meu rosto, como se estivesse a tentar lembrar-se de algo. Tenho quase a certeza do que vem a seguir.

Três, dois...

— *Espera*. Espera, espera, espera. Tu não és aquela que enlouqueceu quando ele se mudou, pois não?

Um.

Algumas raparigas na mesa repreendem-no.

— Por favor, não — diz a Rosie num tom de aviso.

— Deixámo-te *sentar connosco* — acrescenta a Olivia, com um olhar de desaprovação.

O Andre olha para nós, confuso.

— Está bem, está bem. Parece que há mais nesta história.

Encaro o meu copo, contando os cubos de gelo e desejando *profundamente* não me ter oferecido para casamenteira.

— Ele é um cabrão de um traidor — diz a Olivia — e se voltas a dizer que a Maya é maluca, esse *martini* vai parar à tua cabeça e nem vais ter tempo de me impedir.

— *O Jordy?* — pergunta o Andre cético, erguendo as mãos em rendição. — O Jordy Miller? A pessoa que lê para crianças, faz doações para caridade e inventou o feminismo?

Há *muitos* cubos de gelo neste copo.

A Olivia não dá o braço a torcer.

— Ele era o namorado da Maya, mudou-se para o Canadá, traiu a Maya durante dois *meses* e, quando a Maya descobriu, acabou com ela. Não sei que parte disso é feminista. Talvez precises de rever a definição.

— Não, eu percebo. Quer dizer, a história que eu ouvi era um pouco diferente. Mas entendo o teu lado. Às vezes estas coisas ficam distorcidas.

A questão é que ele está a dizer as coisas certas, mas consigo perceber pelo tom que não acredita. Sabem, tenho reparado numa coisa sobre as pessoas. Mesmo quando acham que são racionais e justas, tendem a acreditar na versão da história que ouvem primeiro. Já ouviram a frase «a melhor defesa é o ataque»? Isto é um exemplo clássico. A primeira pessoa a contar a sua versão dos acontecimentos é a que escreve os livros de história. Escrever a história é fácil. Reescrevê-la é complicado.

Infelizmente para mim, o Jordy fez questão de contar a sua versão dos acontecimentos antes de eu sequer saber que havia uma corrida. Na sua versão, ele acabou comigo, com lágrimas nos olhos, quando teve de se mudar para outro país, e disse-me que nunca me esqueceria. Então, eu de alguma forma interpretei isso como se ainda estivéssemos juntos, apesar do seu discurso *bem claro*. Pouco depois, mandei a minha amiga no Canadá persegui-lo e fiquei fora de mim quando ela me contou que ele já tinha seguido em frente, acusando-o de me trair sem razão alguma.

É uma ótima história para o Jordy. Com certeza fica com uma imagem impecável. Nem o próprio Da Vinci conseguiria pintar um retrato tão bonito.

Só é pena que seja tudo mentira.

Os amigos do Andre devem estar a perguntar-se onde é que ele foi parar, mas ele não parece nada preocupado com isso. O que, mais uma vez, é uma pena.

A Rosie, que já não parece tão entusiasmada por ter o Andre à mesa, repara na minha expressão e decide mudar de assunto. Abençoada sejas, porra.

— Então, andaste no liceu Sigmund? — pergunta ela ao Andre.

Enquanto o Andre responde, a Olivia inclina-se para mim.

— Ei, estás bem?

Endireito-me e coloco um sorriso forçado no rosto.

— Hum-hum. Já estou habituada.

O Jordy já não está na televisão, mas ainda consigo ver a sua cara enquanto posava em frente ao orfanato. A sorrir para a apresentadora como costumava sorrir para mim. Como se ela fosse a pessoa mais interessante do mundo.

Céus, aquele olhar fazia-me sentir como se o meu coração fosse explodir para fora do peito.

Pergunto-me quantos outros se sentem assim quando veem o Jordy Miller a sorrir para eles na televisão. Ou nas revistas. Ou nos pósteres nas suas paredes.

Quantos deles veem a sua fachada e acreditam que sabem o que existe sob aquelas camadas de charme? E o que diriam se descobrissem?

A Olivia lança-me um olhar cético e estou prestes a insistir que estou *bem*, com aquele tom estridente que convence *totalmente* as pessoas de que não estamos nada na defensiva, quando o meu telemóvel toca. Escapei por pouco.

— Um momento, desculpa — digo, levando o telemóvel à orelha.
— Estou?

— Olá, é a Maya Bailey?

— A própria.

— Daqui é eezgwendbushmeeford zhombareemaday...

Levanto-me.

— Um momento, desculpe, não consigo ouvir. Deixe-me ir lá fora. Vou... só... está bem. — Fecho a porta de vidro atrás de mim e deixo-me cair num banco no estacionamento. — Desculpe. Olá, quem é?

— Gwendolyn Bushman, da Produções Bushman e Siegal. Estou a ligar porque temos uma oportunidade incrível para ti, achamos que vais adorar estar envolvida.

Nunca ouvi falar desta produtora na minha vida e tenho quase a certeza de que esta chamada é burla. A qualquer momento, vão pedir-me os dados do meu cartão de crédito, não vão?

— Desculpa, como é que conseguiste o meu número? — pergunto, com o dedo a pairar sobre o botão de «terminar chamada».

— Do Jordy Miller.

Se não estivesse já sentada, teria caído com o choque.

— *Do Jordy?*

— Sim. A nossa equipa produziu alguns dos programas de maior audiência dos últimos anos. Conheces *Nerds na Selva*, *Namorar sem Caféina* e *Reformas Radicais na Casa de Banho*?

— Quem é que não conhece?

— São todos nossos. Temos um novo projeto incrível a começar este ano, um programa chamado *Romance à Segunda Oportunidade*. Cada temporada seguirá um pretendente principal e os seus ex-parceiros, enquanto se reencontram para ver se alguma da química que os fez apaixonarem-se pela primeira vez ainda existe, agora que ambas as partes cresceram e amadureceram. Este ano, estamos entusiasmados por ter o Jordy como o nosso primeiro pretendente!

Demoro um segundo a processar.

— O Jordy Miller vai participar num programa de televisão? — acabo por perguntar.

— Sim. E esperamos que tu também.

Olho instintivamente para dentro, onde consigo ver a mesa cheia das minhas amigas. Tenho uma súbita e louca vontade de correr até elas, exigir que se empilhem em cima de mim e que me enterrem sob o peso coletivo dos seus corpos, esmagando a *raiva ardente* que borbulha dentro de mim.

— Querem que eu volte a namorar com o Jordy Miller? Na televisão?

— Sim. O programa será filmado em Loreux, em Chalonne, e ficarás hospedada numa *deslumbrante* mansão à beira lago, é mesmo algo especial. Claro, todas as refeições serão fornecidas e receberás uma pequena compensação pela tua participação...

— Olha, não sei porque é que o Jordy me mencionou — interrompo-a —, mas não estou interessada e ele sabe disso.

— Sei que quando uma relação não dá certo, pode parecer que tudo está perdido. Mas a verdade é que houve *algo* que vos uniu no início. E, à medida que as pessoas crescem, geralmente acabam por mudar para melhor. Há grandes possibilidades de ele ter mantido aquele algo especial, mas talvez algumas daquelas diferenças que vos separaram tenham...

— Deixa-me ser clara, Gwendolyn. Prefiro ser engolida pelas entranhas do Inferno e fazer um acordo com o anjo caído Lúcifer a voltar a namorar com o Jordy Miller.

A surpresa da Gwendolyn prolonga-se o suficiente para quase me rir no meio do silêncio.

— O anjo caído Lúcifer é o diabo — diz, por fim, como se achasse que eu me enganara.

— Sim, Gwendolyn.

— Estás a dizer-me que preferias namorar o Satanás ao Jordy?

— Sim, Gwendolyn. Estou a dizer-te que preferia participar num programa com o próprio príncipe das trevas.

— Isso é uma opinião muito forte.

— Uma opinião *infernamente* forte parece-me ser o mais adequado neste caso.

Estou a divertir-me com a troca, mas a Gwendolyn não se ri.

— Que tal eu deixar-te pensar nisso?

— Prefiro não o fazer.

— Posso ficar com o teu *e-mail*? Podia enviar-te um pacote de informações. É bastante interessante, fizemos um pequeno PowerPoint...

— *O próprio Satanás*, Gwendolyn.

— Vou assinalar-te com um «talvez».

— Por favor, não.

— Foi maravilhoso falar contigo, Maya! Estou ansiosa por, com sorte, ver muito de ti na bela Chalonne. As filmagens começam daqui a dois meses, a propósito.

— Literalmente, não podia importar-me menos, Gwendolyn.

Ela solta uma gargalhada aguda.

— Está bem, cuida-te.

— Tu também, Gwendolyn.

Desligo a chamada e passo os cinco minutos seguintes a olhar para o vazio, sem pensar em nada.

Por fim, um pensamento atravessa-me a mente e grita desalmadamente no meu cérebro.

Nunca mais quis ter nada que ver com ele.

É um pensamento desesperado, doloroso, furioso e exausto, tudo ao mesmo tempo. Mas reprimo essas emoções porque vou sair desta história antes mesmo de ela começar, e, portanto, não preciso de sentir nada.

Nem pensar que o vou fazer. Claro que não. Nem em sonhos. Nem que me paguem um milhão de dólares.

Sinceramente, talvez o fizesse por um milhão de dólares. Mas a Gwendolyn não mencionou nada sobre isso, e acredito que o teria feito se fosse relevante, afinal, Deus sabe que o dinheiro seria um argumento muito mais persuasivo do que a promessa de ser cortejada, enganada e manipulada emocionalmente pelo Jordy Miller.

Outra vez.

Então, calma, inabalada e de forma despreocupada, volto para dentro, sento-me sem pressa ao lado da Olivia e sorrio como se não tivesse uma única preocupação no mundo. Porque não tenho. Estou bem. Estou absolutamente *bem*.

Ela dá-me uma olhadela e franze a testa.

— Querida? Que se passa? — pergunta. — Parece que viste um fantasma.

DOIS

Maya

A Rosie e eu trocamos um olhar de espanto quando o meu telemóvel começa a vibrar em cima da mesa da cozinha, interrompendo o pequeno-almoço.

A minha mãe, alheia a tudo, começa a preparar o seu segundo café da manhã.

— Alguém quer alguma coisa enquanto estou em pé? — pergunta.

Mas ninguém lhe responde. Alguém chamado **NÃO TE ATREVAS A MANDAR-LHE UMA MENSAGEM, MASOQUISTA DE MERDA** está a ligar-me e tanto eu como a Rosie sabemos exatamente quem é, portanto, não há tempo para café.

O nome foi uma escolha de outros tempos, quando me sentia vulnerável depois do fim do namoro e a Olivia, sempre prestável, mudou o nome do contacto do Jordy como um lembrete.

E é uma merda, porque agora sinto que estou em apuros com o meu próprio telemóvel.

Nem sequer é justo, porque é o *Jordy* que *me* está a ligar e não o contrário. Ainda assim, o nome intermitente parece mais uma acusação do que uma notificação.

Falhada!

Falhada!

Falhada que merece que lhe voltem a partir o coração porque é uma falhada sem força de vontade!

Falhada!

— Deixa tocar — diz a Rosie.

— Quem é? — pergunta a minha mãe.

Ótimo, finalmente percebeu as nossas expressões de horror inimaginável.

— O Jordy — respondo por entre dentes cerrados.

— *O Jordy?* — repete ela. — Atende e coloca em alta-voz. Vou afugentá-lo de vez.

Mordo o lábio e estico a mão para o telemóvel, mas recuo no último segundo.

— Não lhe devo um «não».

— Claro que não — concorda a Rosie.

— Sinceramente, não consigo acreditar que ele acha que eu sequer pensaria em fazer isto — digo.

— Ele é um narcisista — declara a Rosie —, provavelmente julga que não fez nada de errado. Deve achar que te está a fazer um favor ao deixar-te *desfrutar da sua genialidade*.

— Maya, deixa-me *falar com ele* — insiste a minha mãe.

Volto a olhar para o telemóvel, hesitante. Até que o ecrã se apaga e já não tenho de tomar esta decisão.

— Ainda bem — apresso-me a dizer —, espero que seja a última vez que me tenta ligar.

— Tu é que perdes — afirma a mãe. — Tenho um discurso *mesmo* bom. Ando a trabalhar nele há dois anos.

A Rosie observa o meu rosto, franzindo o sobrolho.

— Estás bem, Maya? Se precisares que alguém interfira e lhe diga para desaparecer...

Aceno com a mão.

— Não, estou bem. A sério. Eles vão acabar por desistir.

— Conta-lhes parte da verdade — diz a minha mãe, vertendo leite no café. — Vais para a universidade em breve.

Hum. *Gostava* de me gabar disso ao Jordy, nem que fosse só para ver a reação dele.

— Na verdade — digo com a boca cheia de papas de aveia —, as filmagens acabariam antes da universidade.

Como a Gwendolyn me recordou por *e-mail* pelo menos três vezes esta semana, enquanto me implorava que reconsiderasse.

— Mas não são apenas as filmagens, pois não? — pergunta a mãe, mexendo o café. — Vais ter as entrevistas, as sessões fotográficas, as pessoas iriam reconhecer-te e... terias oportunidades de trabalho.

— Oportunidades de trabalho, que horror! — ironiza a Rosie, com uma expressão impassível.

— Sei como são essas raparigas de programas de televisão — diz a mãe. — Estão sempre a apresentar os seus programinhas de rádio. Tu és muito nova para saberes se estás pronta para te comprometer com o teu próprio programa de rádio, Maya.

— De qualquer maneira, não importa porque eu não vou fazer isso — esclareço.

— Ainda bem. Não podes ter distrações no teu primeiro ano. Tu sabes que a melhor vingança que podes ter contra aquele rapaz é ter sucesso.

A Rosie inclina-se sobre a mesa.

— Diria que o primeiro ano é a melhor altura para ter distrações. Tenho a certeza de que a maioria dos meus colegas passou mais tempo em festas do que a estudar, no ano passado.

— Mas isso é diferente — diz a mãe. — A Maya vai para a Universidade de Connecticut.

Assim que as palavras lhe saem da boca, arregala os olhos e olha na direção da Rosie. Baixo a cabeça para olhar para as minhas papas de aveia e preparo-me. Três, dois...

— Ao contrário de mim? — pergunta a Rosie com frieza.

— Não, querida...

— Não consegues deixar de falar da minha universidade por um segundo, pois não? A minha também é difícil, entendes?

— Bem, foste tu que disseste que os teus colegas estão sempre bêbedos, não fui eu — defende-se, levantando as mãos.

— Mãe, somos estudantes universitários. Estudantes universitários vão a festas. E posso garantir-te que vão a festas tanto em UConn como em qualquer outro lado.

— Está bem, está bem.

— Não, não está nada bem porque eu não me esqueci do comentário sobre o programa de rádio.

Levanto-me à pressa e levo a minha taça para a máquina de lavar, olhando para o chão. Se não olhar para elas, elas não me conseguem ver e, se não me conseguirem ver, não me podem arrastar para o meio disto.

— Que foi? Agora não posso falar em rádio sem que te sintas ofendida?

— Querias dizer que algumas carreiras não são tão *boas* como outras, não era?

— Querida — diz a mãe por entre dentes cerrados —, estou muito orgulhosa de ti, não importa o que faças. Mas trabalhei em dois empregos para conseguir que vocês as duas fossem para a universidade, para que pudessem ganhar um salário decente e nunca tivessem de passar pelo mesmo pelos vossos filhos! A Maya entende isso.

É a minha deixa. Pego no meu telemóvel e volto para a mesa, onde me concentro no ecrã. Não é que eu goste de ficar a ouvi-las discutir, mas conheço-as e sei que precisam de uma testemunha para intervir, caso as coisas comecem a ficar demasiado pessoais. Pelo bem das duas.

— Talvez eu queira trabalhar na rádio! — diz a Rosie.

A mãe bate com as mãos na bancada da ilha da cozinha.

— Desde quando?

— Desde agora, já que o fazes parecer tão apelativo.

O meu telemóvel vibra e o som repentino leva a que ambas virem a cabeça na minha direção. Pelo menos, não é o Jordy desta vez. Apenas outro *e-mail* da Gwendolyn. Aceno com a mão: *Nada para ver aqui, continuam como estavam.*

— Vou arranjar um trabalho depois da universidade, mãe — diz a Rosie, com um suspiro. — Posso não ficar milionária, mas hei de sobreviver a isso de alguma forma. Não te preocupes comigo, está bem?

Abro o *e-mail* e vejo que tem uma apresentação anexada. Jesus, nosso Senhor e Salvador, esta mulher simplesmente não desiste, pois não? Clico para abrir.

— Eu preocupo-me. Preocupo-me com as minhas duas meninas. Não vou deixar de me preocupar até estar velha e cheia de cabelos brancos, no meu leito de morte. É o meu papel.

A apresentação é difícil de ver no telemóvel — a parte de baixo está cortada. Isto é um trabalho para o computador. Levanto-me para sair e nem a mãe nem a Rosie parecem reparar no meu movimento.

— Estou ótima. A Maya está ótima. Tens de confiar em nós para fazermos as nossas próprias escolhas.

Estou demasiado longe para ouvir a resposta da mãe. No meu quarto, sento-me à secretária e abro a apresentação.

A apresentação começa com uma página de rosto coberta de flores, animações de brilhos e as palavras *Romance à Segunda Oportunidade: O Manual do Ex.*

Clico.

Parabéns! Foste convidada a participar no programa mais empolgante do canal PN: **ROMANCE À SEGUNDA OPORTUNIDADE**. Se recebeste este convite, é porque um dos teus ex-namorados foi escolhido como o Explorador desta temporada. E está esperançoso em redescobrir cada pormenor de ti!

Mas que raio é isto?

Segundos depois, a Rosie irrompe pelo meu quarto sem bater à porta e atira-se de cabeça para a minha cama, gritando contra a almofada. Fico a observá-la pacientemente até que ela se cansa e me espreita com um olho.

— Nunca mais venho a casa — declara —, é demasiado perigoso para todos os envolvidos. Qualquer dia vou estrangulá-la e *depois* veremos quais são as minhas perspetivas de emprego. — Ela vira-se e repara no meu computador. — O que é isso?

Junto-me a ela na cama e ela olha para o ecrã com uma expressão incrédula. Clico para passar para o diapositivo seguinte.

Então, do que se trata este programa?, pergunta o título.

Ainda bem que perguntas!, responde-se a si próprio no diapositivo seguinte.

Que prestável!

ROMANCE À SEGUNDA OPORTUNIDADE segue um Explorador escolhido, que volta a sair com um grupo selecionado de ex-parceiros, com o objetivo de redescobrir a sua ligação e perceber qual deles poderá ter sido a pessoa certa no momento errado. Em *ROMANCE À SEGUNDA OPORTUNIDADE*, acreditamos que toda a gente se apaixona por uma razão. As estatísticas mostram que os motivos que levam os casais a terminar — desentendimentos, incompatibilidades, mudanças de localização — geralmente resolvem-se com espaço e tempo, à medida que crescemos e mudamos como indivíduos. Mas aquelas partes maravilhosas que fizeram alguém apaixonar-se por nós? Essas nunca mudam!

— Esqueceram-se de colocar a fonte disso — digo e a Rosie solta um riso abafado.

Parece incrível! Quem é o Explorador desta temporada?

O diapositivo seguinte é um retrato do Jordy. Tenho a certeza de que é recente, pois o seu cabelo castanho ondulado, que antes era um pouco comprido, agora está curto e arranjado, e a pequena falha no dente inferior desapareceu. Ele sorri para a câmara com os olhos semi-cerrados, como alguém que acabou de contar a piada mais hilariante do mundo.

Parece um príncipe de um conto de fadas.

Agora *isto* é que é uma piada.

O Explorador desta temporada é o Jordy Miller! Com vinte anos, bonito e carismático, o Jordy é conhecido por ser o irmão mais novo da Princesa Samantha de Chalonne. O Jordy conquistou primeiro os corações do povo de Chalonne — e do resto do mundo — durante o casamento da sua irmã com o Príncipe Herdeiro Florian de Loreux e, desde então, tem mantido esses corações cativos. Embora tenha alcançado a fama devido aos seus laços com a realeza, o Jordy tem vindo a construir o seu próprio nome como humanitário e galã. No ano

passado, recebeu a Honra do Rei por Serviço Excepcional à Humanidade, depois de ter angariado fundos suficientes para reformular o programa de alfabetização infantil nas escolas públicas de Chalonne, por conta própria. E, ainda mais notável, no mês passado foi eleito o oitavo homem mais sexy do mundo pela revista *Condição Opulenta!*

Mas, apesar de ser inegavelmente um dos solteiros mais cobiçados da Europa, o Jordy descobriu que a fama, a riqueza e o privilégio nem sempre são tão maravilhosos quanto parecem. Embora dedique o seu tempo a melhorar a vida de crianças carentes, ele, tal como essas crianças que salva altruisticamente do flagelo da pobreza e do analfabetismo, não é alheio ao sofrimento. Ele lamenta que, apesar de poder escolher entre inúmeras mulheres bonitas e desesperadas por casar com ele...

— Ah, que se *lixe* — diz a Rosie, abanando a cabeça. Mando-a calar.

... é quase impossível saber quando uma ligação é genuína ou quando está a ser vítima de alguém que procura a fama e a riqueza à sua custa. Mas, ao contrário das crianças necessitadas de Chalonne, o Jordy não teve ninguém para aliviar a sua dor. Até que *ROMANCE À SEGUNDA OPORTUNIDADE* entrou em cena. Ao redescobrir as suas ligações com as suas ex-namoradas (isso inclui-te a ti!), este cobiçado solteiro tem agora a oportunidade de escolher entre as mulheres que o amaram antes de o mundo o conhecer.

E quanto a ti? Terás a oportunidade de conhecer o Jordy ao teu ritmo, longe dos milhões de mulheres bonitas, talentosas e atraentes que, de outra forma, seriam a tua concorrência. Em *ROMANCE À SEGUNDA OPORTUNIDADE*, a tua única concorrência são as outras mulheres com quem o Jordy já namorou no passado! Bem, isso é que são boas probabilidades!

Horrorizada, demoro um segundo a pressionar as mãos contra os lábios antes de continuar.

Como posso conquistar o coração do Explorador?

A forma como decides fazer isso é contigo! Não é da nossa conta. Além dos prémios dos desafios, verás o Jordy durante o desafio semanal de grupo e no evento *Noite Infinita*, onde terás a oportunidade de participar numa festa com o Jordy e as outras ex-namoradas.

Onde será gravado o programa?

Nos arredores de Loreux, a pitoresca capital de Chalonne. Ficarás alojada na nossa mansão à beira lago com as outras ex-namoradas. Aqui está uma imagem do que podes esperar (Nota: a mansão real pode variar).

Por baixo das palavras está uma foto pixelada do que parece ser uma mansão de Beverly Hills, toda iluminada com luzes laranja à noite. Tenho cerca de noventa e nove por cento de certeza de que pesquisaram *mansão* no Google e escolheram a primeira foto.

Na verdade, até quero verificar. Segundos depois, descubro que estou enganada.

É a sexta foto. Engano meu.

Tenho de pagar uma contribuição?

Todas as refeições, as despesas e a renda serão asseguradas durante a tua estada em Chalonne. Não te preocupes com os voos, levamos-te para Loreux e trazemos-te de volta ao lugar de onde vieste quando tudo terminar!

— Um pouco agressivo — comenta a Rosie, aproximando os joelhos do peito.

Vou receber alguma compensação pelo meu tempo no programa?

Sim! Todos os nossos concorrentes são pagos em memórias, gargalhadas e, se tiverem sorte, uma dose saudável de romance! Como é que podes pôr um preço na oportunidade de encontrar o verdadeiro amor? Não vale nada!

- Acho que queriam dizer que é impagável — sussurra a Rosie.
- Ou isso ou já conheceram o Jordy — digo com leveza.

Quanto tempo vou estar no programa?

Está ao critério do nosso Explorador decidir quanto tempo passas na nossa mansão. Todas as semanas, participarás numa festa *Noite Infinita*, onde terás a tua última oportunidade de satisfazer o Explorador...

Desculpa, o *quê*?

... antes que ele tome a decisão final. Poderás ser convidada a abandonar as instalações durante qualquer *Noite Infinita*. No final da sexta semana, o Explorador fará a sua escolha final entre as convidadas que permanecerem. As concorrentes fracassadas que ainda estejam na mansão nessa altura terão de permanecer num alojamento previamente organizado em Loreux após a escolha final, até ao episódio em direto *Ciclo Completo*, na sétima semana, onde irão aparecer no episódio final para torcer pelo casal feliz!

— Não — murmuro —, isto é do piorio. Isto é... quer dizer, é das piores coisas que já vi. É a pior coisa...

— *Concorrentes fracassadas* — a Rosie força uma voz aguda entre gargalhadas descontroladas. — Desculpa, o Jordy não te escolheu, sua *fracassada de merda*. Está na hora de ficar de quarentena no hotel da vergonha com as outras *fracassadas* e podem beber as lágrimas de tristeza umas das outras para se sustentarem, enquanto o Jordy foge com a rapariga que *o satisfêz*.

— Graças a Deus que vou para a universidade, não é? — pergunto entre risos.

A Rosie tenta acalmar as gargalhadas, respirando fundo. Quando se recompõe, abana a cabeça.

— Maya, quem é que vai proteger essas pobres raparigas se não fores? Já não me rio, apesar de não ter a certeza se ela está a brincar ou não.

— O quê, ir infiltrada? Atrapalhar o Jordy lá dentro?

A Rosie começa por acenar com a cabeça devagar, depois o mais depressa que consegue.

— Bem, *podias*? — As minhas sobranceiras arqueiam-se, mas parece que isso apenas a encoraja ainda mais. — Podias mudar a narrativa. Chega de órfãos, chega da... porra de cachorrinhos, doces e abdominais. Vais ser tu em frente às câmaras para variar. Podes desmascará-lo, Maya. Mostrar ao mundo quem ele verdadeiramente é.

Talvez esteja a alucinar de tanto rir, mas ela até tem razão.

— Tipo, contar às câmaras a minha versão da história? Para esclarecer as coisas de uma vez por todas?

— Sim! Ou convencer as outras raparigas a partilharem as suas histórias e a confrontá-lo. Duvido que sejas a única que ele tratou assim. Aposto o que quiseses.

— Ou — digo devagar, com uma ideia a ganhar forma — podia satisfazê-lo.

— Que nojo, Maya.

— Credo, Rosie, está calada. Queria dizer que consigo vencê-lo no jogo dele. Fazê-lo apaixonar-se por mim outra vez. Chegar à final...

A Rosie ajoelha-se quando percebe o que quero dizer.

— E rejeitá-lo em direto na televisão.

— Exatamente.

— Podias fazer um discurso — diz —, contar todas as coisas que ele te fez. E as coisas que descobrires lá. Porque *vai* haver muita coisa. Muita.

— Daria à Gwendolyn o programa da vida dela — concordo. — Seria o final mais dramático de sempre.

Está decidido. Levanto-me da cama e vou buscar o meu telemóvel à secretária.

— Vou ligar ao Jordy.

— Vais mesmo fazer isto? — pergunta a Rosie com os olhos a brilhar.

— Vou mesmo fazer isto.

— Vais ligar ao Jordy, dizer-lhe que vais participar no programa e, depois, vais descer as escadas e contar tudo à mãe?

— Vou ligar ao Jordy, dizer-lhe que vou participar no programa e, depois, vou contar à mãe noutra altura, quando me sentir mais corajosa e ela estiver mais bem-disposta.

— Parecido!

Abro o meu histórico de chamadas, mas, antes de me atirar de cabeça, a Rosie faz uma careta. Conheço essa cara.

— Só... tem cuidado, está bem?

Bufo.

— O que é que ele vai fazer? Partir-me o coração outra vez? Até parece.

— Tem cuidado, de qualquer forma. Vais estar na televisão. Tudo o que acontecer no programa vai ser público.

— Hum, não é essa a ideia?

A Rosie encolhe os ombros.

— Só estou a dizer que toda a gente vai ver o que fizeres e disseres lá. E toda a gente *ama* o Jordy. Não vão gostar de ver alguém na televisão a falar mal dele.

— Então, talvez não fale mal dele. Posso só fazer com que vejam o tipo de pessoa que ele é. Acendo o lume e deixo que se queime.

— O fogo espalha-se rápido.

Deixo o telemóvel cair ao meu lado. Para ser sincera, ela está a tirar-me um pouco do entusiasmo.

— Há bocado não estavas a tentar convencer-me a fazer isto?

— Sim, mas só me lembrei agora de que podes sair magoada. Quero que me prometas que vais ter cuidado. Ai, não, pareço a mãe a falar.

— Vou ter cuidado, sempre que possível.

— Não é lá *muito* reconfortante, sabes?

Com um sorriso convencido, ligo ao **NÃO TE ATREVAS A MANDAR-LHE UMA MENSAGEM, MASOQUISTA DE MERDA**, antes que ela consiga inventar mais razões para estar, de repente, contra a ideia.

Ele atende ao segundo toque.

— Maya Bailey, ligaste.

Quando ouço a voz dele, volto a ter dezasseis anos. Estou louca de amor e destroçada de dentro para fora.

A Rosie olha para mim e pressiona os lábios. Tento respirar por entre a enxurrada de emoções e concentrar-me. Quase que consigo.

— Claro — digo com um sorriso forçado —, achavas que não o ia fazer?

O riso do Jordy é leve, acolhedor e familiar. É *horrível*.

— Não, eu é que estava um pouco assustado. Já passou tanto tempo, acabei por me convencer de que me odiavas, talvez. Ou... não sei. Estou a ser estúpido, ignora.

É importante saber que o Jordy tem um sotaque. Devia ser um sotaque britânico, mas tenho a certeza de que é mais parecido com o que os americanos pensam que é o sotaque britânico. O pai dele é inglês e o Jordy sempre insistiu que tinha apanhado o sotaque naturalmente, através da convivência com o pai e com os primos paternos. Curiosamente, a irmã dele, a Samantha, não tem sotaque. Um mistério estranho e inexplicável.

Esperem, esqueçam. Afinal, acho que consigo explicar. O Jordy Miller é — como os seus parentes ingleses diriam — um idiota de merda.

— Odiar-te? — finjo estar chocada, enquanto a Rosie segura o riso. — Porque é que havia de te odiar?

— Eu sei, eu sei — diz ele. — Deve ser da minha ansiedade. Tenho... É muito bom ouvir a tua voz, Maya.

— O prazer é todo meu.

— *Maya*, estás a brincar comigo? Conhecemo-nos melhor do que isso. Céus, ele está mesmo a exagerar.

— Deves ter ligado para me perguntar alguma coisa. Vá lá, pergunta. Outro riso de ouro.

— Está bem, está bem, é melhor deixar-me de rodeios. Entendi. Há uns dias, a Gwendolyn disse-me que falou contigo por causa do programa, e que disseste que estavas muito ocupada e não podias participar.

Tenho a sensação de que a Gwendolyn exagerou um bocado na paráfrase, mas pronto.

— Algo do género.

— Está bem. Compreendo e não quero que penses que te estou a forçar a fazer algo que não queres. Mas para ser sincero, acho que não quero fazer isto sem ti, Maya.

Reviro os olhos e inclino a cabeça para trás. A Rosie faz o mesmo.

— Agora diz a verdade, Jordy. — Nem sequer consigo esconder o meu ceticismo.

— Não, Maya, a sério. É que... é um bocado vergonhoso, mas que se lixe. Concordei em participar no programa porque achei que fosse a minha oportunidade de corrigir o que aconteceu entre nós.

Ótimo ator, merecia um Óscar. Claro que não estou a acreditar em nada disto.

— A sério?

— Sim. É a coisa mais ridícula que já ouviste? Devo ficar envergonhado? A Rosie finge estrangular alguém e eu tento permanecer séria.

— Não sei, Jordy. Já foi há muito tempo.

— Eu sei, mas desta vez vai ser duradouro.

Levanto as sobrancelhas para a Rosie.

— Acho que não me devias prometer isso.

— Não, não devia. Não digas nada à Gwendolyn.

— Claro que não.

— Gostava mesmo de te voltar a ver, Maya. Por favor.

— Pensei que não me ias obrigar.

— Não, mas posso implorar.

— Está bem, talvez se implorares um pouco mais.

— Não mudaste nada, pois não?

Espero.

— Maya, por favor. *Imploro-te*. Por favor, não quero fazer isto sem ti. Prometo que vou fazer com que valha a pena. Vais ter tratamento VIP. Dou-te tudo o que puder. Por favor. *Por favor*, diz-me que não assinei o contrato para nada.

Ele é convincente.

Sempre foi.

A parte mais estranha desta chamada é que me está a lembrar de todas as razões pelas quais me apaixonei por ele. Passei tanto tempo zangada comigo própria por não ter sido capaz de ver quem ele realmente era, por ter acreditado nas coisas que ele dizia. Mas como é que eu ia saber? Não me posso culpar por isso. Não havia sinais. Nada.

É isso que o torna perigoso.

— Talvez — acabo por dizer — possa dar uma vista de olhos à minha agenda.

— A sério?

— Já que foste tão amável.

— Fizeste o meu dia — diz. — Oh, meu Deus. Incrível.

— Estou um pouco ocupada neste momento. Se puderes falar com a Gwendolyn...

— Claro, claro, vou falar com ela. Mas vais mesmo participar? Tens a certeza?

— Tenho. Porque não?

Muito bem. Isto está a acontecer. Não há como voltar atrás agora.

Fixe. Fixe, fixe.

S o c o r r o.

— Incrível. Isto é incrível. Bem, agora até fiquei ansioso.

— Ainda bem. Desculpa, mas agora não posso falar. Tenho coisas importantes para... coisas.

— Não te preocupes. Falamos em breve, está bem?

— Está bem. Adeus, Jordy.

— Adeus, Maya. Foi bom falar contigo. Muito bom mesmo.

A Rosie parece que está prestes a explodir. Apresso-me a desligar o telemóvel, antes de ela fingir que vai vomitar.

— Ele está a falar *a sério*?

— Tudo mentira. Tudo — digo. — Ele não consegue *respirar* sem exalar uma mentira.

Ela acena e morde o lábio.

— Maya? Lembrei-me de uma coisa enquanto estavas ao telemóvel. Ainda bem, *isto* é um tom promissor.

— Sim?

— Achas que a Skye vai estar lá?

O meu sorriso de vitória desvanece-se em puro terror.

Porra. Já me tinha esquecido da Skye.

**DOIS
MESES
DEPOIS**